



EIXO TEMÁTICO:
Organização e Representação da Informação e do Conhecimento

**CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO EM TRÊS DÉCADAS: UMA ANÁLISE DOS
PERIÓDICOS *CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO* E *PERSPECTIVAS EM CIÊNCIA DA
INFORMAÇÃO***

***INFORMATION SCIENCE IN THREE DECADES: AN ANALYSIS OF
NEWSPAPERS CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO AND PERSPECTIVAS EM CIÊNCIA
DA INFORMAÇÃO***

Ana Laura Silva Xavier (Unesp) - analaura.sx@gmail.com
Lais Terêncio Caixeta (Unesp) - caixetalais@yahoo.com.br
Larissa Mello Lima (Unesp) - larissalima.unesp@gmail.com
Mariana da Silva Caprioli (Unesp) - mariana.caprioli@gmail.com

Resumo: Este artigo busca mostrar um panorama de avanços no âmbito dos estudos voltados ao conceito de Ciência da Informação através da Análise Discursiva de artigos de periódicos fundacionais na área no Brasil em suas primeiras três décadas. É dado como objetivo principal o desenho do percurso conceitual e discursivo da Ciência da Informação nas décadas de 1970, 1980 e 1990 em dois periódicos brasileiros: *Ciência da Informação* e *Perspectivas em Ciência da Informação* a fim de elucidar as semelhanças, diferenças e contradições existentes em torno do termo “Ciência da Informação” durante essas três décadas. São realizadas seis análises discursivas, sendo duas de cada década e realizada a explicação do jogo discursivo a elas atrelados. Como conclusão é possível afirmar que há uma fragilidade inicial da área que buscam ser superadas ao longo das décadas analisadas.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Ciência da Informação. Periódicos. Epistemologia. Percurso discursivo.

Abstract: This article seeks to show a panorama of advances in the scope of the Epistemology of Information Science through the Discursive Analysis of articles from foundational periodicals in the area in Brazil in its first three decades. The main objective is to design the conceptual and discursive course of Information Science in the 1970s, 1980s and 1990s in two Brazilian journals: *Ciência da Informação* and *Perspectivas em Ciência da Informação*, in order to elucidate the similarities, differences and contradictions existing around the term "Information Science" during those three decades. Six discursive analyzes are carried out, two of each decade being carried out and the discursive game explained to them is explained. As conclusion it is possible to affirm that there is an initial fragility of the area that seek to be overcome during the analyzed decades.

Keywords: Discourse Analysis. Information Science. Newspapers. Epistemology. Discourse course.

1 INTRODUÇÃO

Os primeiros periódicos científicos surgem em 1665 simultaneamente em Londres e Paris a partir de um estímulo que visava a troca de correspondências sobre os progressos científicos ocorridos nestes locais. O formato que conhecemos atualmente passa a existir por volta do século XIX (MEADOWNS, 1999, p.5-6). Desde sua criação, os periódicos trazem em si a capacidade de divulgar e legitimar as pesquisas e descobertas científicas perante a comunidade acadêmica e a própria sociedade. Bégault (2009, p.92) afirma que a base dos periódicos consiste em:

[...] o projeto de uma ciência experimental; a necessidade de se manter o fluxo de descobertas científicas; a necessidade de se obter validação; e a necessidade de se fazer descobertas exclusivas. O periódico é associado a uma validação identificada por um comitê editorial, composto por cientistas de suas respectivas áreas. [...] a reputação dos membros do comitê de leitura constitui a base da reputação de um periódico. A certificação confere qualidade à pesquisa e validade aos resultados.

No Brasil, dois periódicos são de extrema importância para a configuração da Ciência da Informação no país: *Ciência da Informação* e *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*. No que diz respeito a revista Escola de Biblioteconomia da UFMG, ocorreu uma série de decisões políticas respaldadas no interesse em fazer os estudiosos da área se despirem do preconceito terminológico com o termo “Ciência da Informação” culminando em 1996 na modificação do nome da revista que passa então a ser denominado *Perspectivas em Ciência da Informação*). A Ciência da Informação surge em contexto nacional na década de 1954 por intermédio do Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia – IBICT, mas é de fato consolidada a partir da década de 1970 quando é criado o primeiro curso de mestrado na área e consequentemente, em 1972, com a criação destes dois periódicos que trazem publicações sobre a temática.

Tem-se, portanto, estes periódicos como uma importante fonte para a compreensão da Ciência da Informação em território brasileiro. Sabe-se que “[...] a temática dos artigos do periódico estudado é reflexo do estágio e evolução desta área, com indicadores de suas tendências e até novas disciplinas que possam surgir, daí a importância de seu estudo.” (PINHEIRO, BRASCHER, BURNIER, 2005, p.35). A análise dos periódicos se dá por meio da Análise de Discurso de matriz francesa. O método busca explicitar o percurso conceitual, discursivo e epistemológico da área.

O objetivo principal consiste em traçar o percurso conceitual e discursivo da Ciência da Informação nas décadas de 1970, 1980 e 1990 em dois periódicos brasileiros: *Ciência da Informação* e *Perspectivas em Ciência da Informação* por meio dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso. Os objetivos específicos são a) empregar o uso da Análise de Discurso nas temáticas em Ciência da Informação, b) construir um esboço discursivo e epistemológico da Ciência da Informação nas décadas de 1970, 1980 e 1990, e c) Estruturar as semelhanças, diferenças e contradições existentes em torno do termo Ciência da Informação neste período.

Primeiramente, apresentam-se os pontos principais do método empregado: a Análise do Discurso de matriz francesa. Em seguida, passa-se para uma breve abordagem sobre a introdução da Ciência da Informação no Brasil a fim de melhor contextualizar as análises realizadas. Na quinta seção, tem-se a análise e discussão dos resultados. Por último, fazem-se as considerações finais sobre a pesquisa empreendida.

2 ANÁLISE DO DISCURSO

A Análise de Discurso de matriz francesa é assim conhecida devido à sua fundação em “[...] Foucault (1996 e 1997): a chamada AD foucaultiana e a conhecida como Escola, Corrente ou Linha francesa da AD, desenvolvida por Pêcheux (1995), baseado em Foucault, Althusser e Lacan.” (FREITAS, 2010, p.33). Surge na França em meados da década de 1960 a partir da tradição intelectual europeia de unir reflexão sobre texto e história (MAINGUENEAU, 1987, p.9).

Orlandi (2008, p. 118) explica que o intuito da análise do discurso é o de explicitar os processos de significação e mecanismos de produção de sentidos expressos em um texto, ou seja, trata-se de buscar sentidos que não estão especificados no texto, mas um “algo mais”: “Através da Análise de Discurso é possível realizarmos uma análise interna (o que este texto diz?, como ele diz?) e uma análise externa (porque este texto diz o que diz?)” (GREGOLIN, 1995, p.17).

Para a análise dos artigos utilizou-se os tópicos de Orlandi (2008) e sistematizados por Lima (2015, p.18-19). Estes tópicos buscam facilitar a análise.

“Primeiro tratamento de análise superficial”:

Momento em que se tem um contato primário com a superfície linguística do texto. É também neste momento em que é exposto o elemento do arquivo, ou seja, o corpus que será submetido à análise.

“Transformação da superfície linguística em objeto discursivo”:

Para efetuar esta transformação é necessário realizar uma pergunta norteadora: “O que é dito neste discurso? O que é dito em outro discurso?” A partir de tal estruturação, expõe-se o objeto discursivo a partir dos fenômenos linguísticos discursivos (paráfrase, polissemia, polifonia) que incidem sobre ele.

“Do objeto discursivo para o processo discursivo”:

Momento em que a pergunta norteadora é: “Por que isso e não outro?”. Na resposta em cada análise será atingido o processo discursivo, que mostra a relação que aquele dizer tem com o seu exterior (ORLANDI, 2008 apud LIMA, 2015, p.18-19).

Na primeira fase teórico-metodológica, o corpus a ser analisado é exposto. Em seguida, tem-se a análise propriamente dita. Por meio da explanação do conteúdo, temos a revelação de características que demonstram o jogo discursivo existente. Fenômenos como paráfrase (produção de sentidos no texto), polissemia (múltiplos sentidos no mesmo texto) e polifonia (presença de outras vozes em um texto) podem ser percebidos. Tanto a formação discursiva quanto a formação ideológica são de extrema importância neste momento. Na última fase, tem-se os resultados observados. Trata-se de compreender aquele discurso a partir de seu contexto, locutor, posição, etc. e o que ele representa para seus sujeitos e no contexto em que foi elaborado.

3 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL

A instalação da Ciência da Informação no país ocorre em 1970 por intermédio do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação – IBBD, atual Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia, - IBICT. A fundação do IBBD ocorre em 1954, como órgão do Conselho Nacional de Pesquisas – CNPq inspirado pela UNESCO com intermediação da Fundação Getúlio Vargas. (PINHEIRO, BRASCHER, BURNIER, 2005, p. 30). Segundo Pinheiro (1997, p. 81), o IBBD foi criado como

“[...] um centro de documentação visando ao apoio das instituições científicas, técnicas e industriais, para o desenvolvimento do Brasil, da pesquisa científica e da educação de nível superior. Seu papel seria, fundamentalmente, o de incentivo, apoio e colaboração.”

O planejamento do IBBD ocorre pelas mãos de Lydia de Queiroz Sambaquy, responsável também pela criação do Curso de Pesquisa Bibliográfica em 1955, posteriormente denominado Curso de Documentação Científica e que viria servir de base para o curso de mestrado em 1970. (PINHEIRO, 2013, p. 9).

A transformação do IBBD em IBCT ocorre em 1976 por influência da Unisist, dos Centros Nacionais de Informação Científica (NOTIS) e das diretrizes

introduzidas pela UNESCO em países em desenvolvimento na América Latina (PINHEIRO, BRASCHER, BURNIER, 2005, p. 30).

O mestrado em Ciência da Informação é criado em 1970 pelo IBICT com mandato acadêmico da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Para Vieira (1995, p. 2), o IBBD/IBCT juntamente com o curso de mestrado em Ciência da Informação foram:

[...] o principal pólo difusor do saber novo e posturas modernas que desencadearam, no Brasil, a introdução das novas tecnologias em unidades de informação e a criação dos cursos de pós-graduação (mestrado e doutorado) em biblioteconomia/ciência da informação que se seguiram a partir de 1976.

É importante destacar que a consolidação do curso de mestrado se dá por intermédio das figuras de Celia Ribeiro Zaher e Hagar Espanha Gomes, presidente e vice-presidente do IBBD na época (ODDONE, 2006, p. 45).

Sendo assim, entende-se que o delineamento discursivo da área em contexto nacional tem abordagem institucional e política que está ancorada em esferas de poder.

4 ANÁLISE DOS DADOS

No quadro que vem a seguir são destacados os artigos que foram selecionados de ambos os periódicos em suas três primeiras décadas para se tornar possível sistematizar a análise discursiva.

Quadro 1: Artigos selecionados para a análise

	Ciência da Informação	Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG/Perspectivas em Ciência da Informação
a) 1970	1. Da Bibliografia à Ciência da Informação: Um histórico e uma posição. (1972)	2. Curso sobre Ciência da Informação para estudantes de Biblioteconomia (1974)
b) 1980	3. Citações nas dissertações de mestrado em Ciência da	4. Revistas brasileiras de Biblioteconomia,

	Informação (1982)	Documentação e Ciência da Informação; produtividade dos autores no período de 1980 a 1985 (1987)
b) 1990	5. Informação, ciência da informação: breves reflexões em três tempos. (1995)	6. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. (1996)

Fonte: Autor

Neste momento serão delineadas as análises discursivas por décadas, ou seja, primeiramente, foram selecionados por importância teórica de acordo com os referências da área, dois artigos da década de 1970, em seguida dois artigos da década de 1980 e por fim dois artigos da década de 1990.

A metodologia de análise: “Primeiro tratamento de Análise superficial”, “Transformação da superfície linguística em objeto discursivo” e “Do objeto discursivo para o processo discursivo” é uma adaptação que Orlandi (2000) fez do método de Pêcheux e Fuchs (1975).

a) Artigos da década de 1970: Artigos 1 e 2.

Primeiro Tratamento de análise superficial:

O **artigo (1)** “Da Bibliografia à Ciência da Informação: Um Histórico e Uma Posição” foi publicado em 1972 no periódico “Ciência da Informação”.

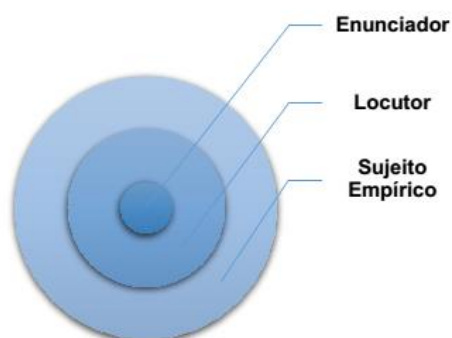
O **artigo (2)** “Curso sobre ciência da informação para estudantes de biblioteconomia” foi publicado em 1974 no periódico “Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG”.

O quem diz (1): Foi escrito pela presidente do IBBD da época Célia Ribeiro Zaher em parceria com sua vice Hagar Espanha Gomes. O veículo ao qual ambas estavam veiculadas era o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação. É fundamental frisar que nesta época o IBBD (Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação) estava passando por um processo que antecedia uma drástica transição na medida em que 1976 o IBBD se transformou no IBICT.

O quem diz (2): O artigo é resultado da tradução de Isis Paim, na época professora da Escola de Biblioteconomia da UFMG, do artigo “A course of

information Science for students in a library curriculum” de por Tefko Saracevic. No momento em que se torna fundamental caracterizar os sujeitos responsáveis por materializar a enunciação é importante situar a partir de Ducrot (1987) as diferenças entre Sujeito empírico, Locutor e Enunciador sistematizadas de forma ilustrativa na figura a seguir:

Figura 1: Funções enunciativo-discursivas.



Fonte: elaborado pelo autor.

O sujeito empírico é aquele fixado no tempo e no espaço e com uma existência real, no primeiro artigo, as autoras Celia Ribeiro Zaher e Hagar Espanha. O locutor são ambas as autoras situadas enquanto presidente e vice presidente do IBBD. Ou seja, a perspectiva institucional passa a ser fixada nesta esfera. O enunciador nada mais é do que a posição tomada no discorrer do artigo, ou seja, de que forma a Ciência da Informação é conceituada na pluralidade de seus diferentes pontos de vista.

O como se diz (1): “[...]Ciência da Informação como aquela que “investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que regem seu fluxo e os métodos de processá-las para acessibilidade e utilização ótimas”. Verifica-se que a literatura produzida pelos “cientistas da informação” repousa na investigação enquanto que a dos bibliotecários e documentalistas se limita à aplicação dos resultados alcançados por aquelas investigações. Entretanto, ambos os grupos podem se beneficiar uns das experiências dos outros [...]”

O como se diz (2): “[...] A maioria das Ciências, principalmente nos primeiros estágios de desenvolvimento, mostra várias orientações. Podem existir argumentos,

e tensões decorrentes, sobre a orientação adequada. Na Ciência da Informação está ainda em muita evidência uma diversidade de orientações e argumentações. Teve de ser feita uma escolha de orientação apropriada para o ensino aos estudantes de biblioteconomia. Considerou-se a Ciência da Informação como basicamente limitada à teoria e à experimentação, isto é, mais limitada à aspectos básicos e aplicados do que ao desenvolvimento ou às operações.”

Transformação da superfície linguística em objeto discursivo:

Pergunta norteadora: O que dito neste discurso x o que é dito em outros discursos?

O que é dito neste discurso (1) : A Ciência da Informação é apresentada no país como área que se preocupa com as propriedades e o comportamento da Informação, retomando o dizer explorado por Shera e Cleveland em 1972 nos trabalhos do George Institute Technology. É considerada uma disciplina voltada para a investigação científica e situa a atuação dos bibliotecários e documentalistas como grupos responsáveis por aplicar os resultados decorrentes de tal investigação.

O que é dito em outro discurso (2): A Ciência da Informação é caracterizada a partir de uma argumentação que a situa enquanto área que percorre seus primeiros estágios de desenvolvimento buscando explicar assim uma denominada “diversidade de orientações”. É assumida uma escolha de orientação teórica que seria adequada para ensinar os estudantes de biblioteconomia sobre “ a que veio” essa Ciência. Feitas tais considerações a área é apresentada como ciência que se limita à teoria e experimentações. Não é explicado de maneira mais específica que experimentações seriam estas. É realizada a ressalva que o foco não está na tecnologia de informação por si só, mas sobre seus efeitos; é citado o “computador” como uma das fontes de experimentações mas explica-se que estas experimentações não apresentam um interesse para as bibliotecas que estariam mais preocupadas nos processos básicos de comunicação do conhecimento. A Contraposição entre ambos os enunciados discursivos mostra que os processos de enunciação, em ambos os recortes, são afetados pelo fenômeno da polissemia na medida em que no primeiro discurso à área é olhada a partir das conferências de George Tech, ou seja, é assumida uma linha de pensamento norteadora, enquanto que no segundo discurso a área é caracterizada como uma espécie de diretriz para o ensino de Biblioteconomia mas não é assumida uma linha de pensamento. Ao mesmo tempo é possível notar o processo parafrásico, pois em ambos os

enunciados é dado destaque que a área pode ter suas teorias comprovadas através das aplicações no âmbito da Biblioteconomia,

Do objeto discursivo para o processo discursivo: *Por que isso e não outro?*

A apresentação da área, em ambos os enunciados, privilegia determinados dizeres em detrimento de outros, caracterizando assim o esquecimento número 2, sinalizado por Pêcheux & Fuchs (1975). A Ciência da Informação, no primeiro enunciado, conceituada sob a definição de Shera e Clevand (1972) situa a área a partir dos norteamentos do George Institute Technology expressando assim a importância ideológica deste evento para as reflexões epistemológicas da mesma.

Neste sentido busca-se apagar, por exemplo, as contribuições da Documentação e Biblioteconomia enquanto diretrizes predecessoras da área, situando-as estas enquanto áreas que podem validar na prática as teorias da Ciência da Informação. Ou seja, uma pergunta pertinente seria por que conceitua-se a Ciência da Informação a partir das Conferências de George Tech? Responder a esta pergunta é se atrelar a perspectiva institucional responsável por dar impulso e visibilidade à área no Brasil. Ou seja, o IBBD por conta de políticas de estado impulsionadas pela Unesco, tinha como prioridade valorizar a perspectiva tecnológica e introduzir a área no país a partir da mesma, neste contexto, a enunciação que valoriza as conferências de George Tech se insere.

No segundo enunciado, o caminho é inverso, pois a Ciência da Informação é caracterizada como uma Ciência que vem para auxiliar os processos no ensino da Biblioteconomia no que condiz à experimentações que auxiliariam às tecnologias de informação.

b) Artigos da década de 1980:

Primeiro tratamento da análise superficial:

O artigo (3) tem como título “**Citações nas dissertações de mestrado em Ciência da Informação**” e foi publicado em 1982 no periódico “Ciência da Informação.”

O artigo (4) tem como título “**Revistas Brasileiras de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação: produtividade de autores no período de 1980 a 1985**” e foi publicado em 1987 no periódico “Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG.”

O quem diz:

(3): Foi escrito por M. da P. Rodrigues da Universidade Federal do Maranhão. O artigo foi extraído da dissertação apresentada ao IBCT/URFJ para obtenção de mestrado em Ciência da Informação em 1981.

(4): Foi escrito por N. A. B. Foresti e M. S. M. Martins, técnicas de informação do IBCT.

Elemento do arquivo: O como se diz:

(3): “[...] a Ciência da Informação é uma ciência social.”

“Rees e Saracevic consideram a Ciência da Informação “um ramo de pesquisa que toma sua substância, seus métodos e suas técnicas de diversas disciplinas para chegar a compreensão das propriedades, comportamento e circulação da informação. Inclui a análise de sistemas, os aspectos ecológicos da informação e da comunicação, dos meios de informação e da análise lingüística, da organização da informação, das relações do homem/sistemas, etc.” Assim, definem Ciência da Informação como o “estudo dos fenômenos da comunicação e das propriedades dos sistemas de comunicação.”

(4): “[...] Ciência da Informação é a <<disciplina referente aos processos de comunicação e que estuda o comportamento, as propriedades e os efeitos da informação, bem como os processos de transferência da informação>>.”

Transformação da superfície lingüística em objeto discursivo: Aqui tem-se como pergunta norteadora: *O que dito neste discurso x o que é dito em outros discursos?*

O que é dito neste discurso (3): Primeiramente, a autora define Ciência da Informação enquanto disciplina social e em seguida conforme proposto por Rees e Saracevic.

Destaca-se que o professor Tefko Saracevic fez parte do corpo docente do mestrado em Ciência da Informação do IBICT até 1981 através de orientação de dissertações (cerca de 13) e ministração de aulas. (PINHEIRO, 1997, p.87).

Do objeto discursivo para o processo discursivo:

Aqui a pergunta norteadora utilizada é: *Por que isso e não outro?*

Em ambos os enunciados encontramos definições clássicas para a área e que refletem a linha utilizada pelo IBICT tanto em âmbito acadêmico quanto no profissional, visto que temos alunos e técnicos de informação.

c) Artigos da década de 1990: Artigos 5 e 6

Primeiro Tratamento de análise superficial:

O artigo (5) tem como título “Informação, ciência da informação: breves reflexões em três tempos” e foi publicado em 1995 no periódico “Ciência da Informação”.

O artigo (6) é intitulado “Ciência da informação: origem, evoluções e relações”, foi publicado em 1996 no periódico “Perspectivas em Ciência da Informação” e foi um trabalho apresentado na International Conference on Conceptions of Library and Information Science: historical, empirical and theoretical perspectives, em 1991, na University of Tampere, Finlândia. O quem diz (5): Foi escrito por Gilda Maria Braga, que se tratava de uma integrante do Departamento de Ensino e Pesquisa (DEP-RJ) do IBICT. O quem diz (6): Foi escrito por Tefko Saracevic, um importante teórico da área, amplamente citado na presente pesquisa, que possui definições para Análise do Discurso e para área. No momento da publicação do artigo estava vinculado com a School of Communication, Information and Library Studies, no Estados Unidos. Porém, foi traduzido por Ana Maria P. Cardoso, professora da Escola de Biblioteconomia da UFMG.

Elemento do arquivo:

O como se diz (5): “Gradualmente – talvez mais lentamente que o necessário – as primeiras indagações começaram a surgir sobre os contornos e preocupações de uma ciência da informação que alçava os primeiros vãos interdisciplinares e começava a questionar-se sobre seu próprio objeto”.

O como se diz (6): “Três são as características gerais que constituem a razão da existência e da evolução da CI; outros campos compartilham-nas. Primeira, a CI é, por natureza, interdisciplinar, embora suas relações com outras disciplinas estejam mudando. (...) 48 Segunda, a CI está inexoravelmente ligada à tecnologia da informação. (...) Terceira, a CI é, juntamente com muitas outras disciplinas, uma participante ativa e deliberada na evolução da sociedade da informação. A CI teve e tem um importante papel a desempenhar por sua forte dimensão social e humana, que ultrapassa a tecnologia. Essas três características ou razões constituem o modelo para compreensão do passado, presente e futuro da CI e dos problemas e questões que ela enfrenta”.

Transformação da superfície linguística em objeto discursivo:

Aqui se tem como pergunta norteadora: *O que dito neste discurso x o que é dito em outros discursos?*

O que é dito neste discurso (5)? A todo o momento o autor cita outros autores e eventos para contextualizar a C.I. principalmente como uma ciência interdisciplinar, mostrando que seu discurso se baseia no recurso da paráfrase. O trecho destacado deixa clara essa perspectiva. O que é dito em outro discurso (6)? Sua conceituação de forma clara, deixando explícita sua visão, uma vez que o sujeito se trata de um grande nome na área, que fornece definições concretas, dessa forma já deixa claro que existem 3 características gerais que constituem a razão de existência e da evolução da C.I. sendo elas: ciência interdisciplinar por natureza, embora suas relações com outras disciplinas estejam mudando; esta inexoravelmente ligada a tecnologia e, juntamente com outras disciplinas, uma participante ativa e deliberada na evolução da sociedade da informação, levando ao entendimento que se trata de uma ciência social também.

Do objeto discursivo para o processo discursivo: Aqui a pergunta norteadora utilizada é: *Por que isso e não outro?*

Quando confrontados os discursos, se torna possível perceber que os processos de enunciação são construídos de formas diferentes, uma vez que o artigo (5) tem seu fechamento de definições, ou seja, utilizando a paráfrase, como dito anteriormente, tendo como base o esquecimento número 2. E ainda a perspectiva institucional pode ser observada aqui, como no artigo anterior do mesmo periódico, pois o locutor se trata de um membro do Departamento de Ensino e Pesquisa do IBICT, levando a concluir que seu discurso está pautado nos moldes que o órgão pretende consolidar nesta fase. Enquanto o artigo (6) possui uma enunciação polissêmica, visto que a área é definida de três formas, sempre levando em conta que o enunciador se trata de um importante autor para área, e suas definições neste artigo partem de uma formação discursiva e ideológica dada, ou seja, a década em que está sendo escrito é levada em consideração, uma vez que trata da ciência como ligada a tecnologia, discurso muito presente no período.

5 RESULTADOS: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO

Nesta seção, serão discutidos os resultados obtidos a partir das análises discursivas realizadas. A análise se deu em três décadas que marcam a introdução e parte da consolidação da Ciência da Informação no Brasil.

Na década de 1970, pode-se notar definições embasadas por Borko e Saracevic, tendo a Ciência da Informação como *interdisciplinar* ou *disciplina responsável pelo estudo dos processos de informação e comunicação*. Este período é o de introdução (criação do curso de mestrado) da área no país. Cardoso (1996, p.75) aborda que o período de introdução da Ciência da Informação se deu sob forte influência estrangeira, o que é confirmado através das definições para a área encontradas.

A partir de 1980, encontramos uma diminuição na publicação de artigos que abordem definições e preocupações da Ciência da Informação. Há um aumento nas questões de educação de usuário, bibliotecas e ações sociais, organizações de coleções, funções dos catálogos, comportamento do profissional, entre outras. Pinheiro (1997, p. 83) alerta que entre os anos de 80 a 85, o IBICT se preocupava com a implantação de sistemas de informação através de uma política de informação científica e tecnológica, o que pode justificar em partes a falta de artigos sobre a Ciência da Informação.

Há na década de 1990, uma circulação mais ampla de discursos. Discute-se o fato da área pertencer às Ciências Sociais ou Ciências Aplicadas, além de ser um campo em desenvolvimento. O uso do termo interdisciplinar é recorrente nessa época.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desta pesquisa, pode-se conhecer a trajetória feita pela Ciência da Informação nas suas três primeiras décadas em solo brasileiro. O uso da Análise de Discurso de matriz francesa como método de análise, guiou este processo na medida em que evidencia sujeitos e instituições norteadoras para a introdução e consolidação da área.

Os periódicos científicos tornam-se uma escolha adequada para se compreender a evolução da Ciência da Informação, visto que espelham as

características e preocupações da área enquanto disciplina científica que busca solucionar as demandas informacionais e tecnológicas vivenciadas pelo IBBD.

Percebem-se alterações na quantidade de artigos que visam definir a Ciência da Informação para outras temáticas conforme as necessidades políticas e sociais para o desenvolvimento da Ciência e Tecnologia no país.

A interdisciplinaridade tão característica da área se faz presente no histórico brasileiro, pois o curso de mestrado atraiu inicialmente profissionais, alunos e professores de diversos cursos e locais do Brasil, América do Sul e América Latina.

REFERÊNCIAS

BÉGAULT, Beatrice. O periódico científico, um papel para a mediação de informação entre pesquisadores: qual seu futuro no ambiente digital? **RECIIS – R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde**. Rio de Janeiro, v.3, n.3, p.91-96, set., 2009. Disponível em: <<https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/796>>. Acesso em: 01 maio 2017.

CAPRIOLI, Mariana Silva. **O percurso discursivo da Ciência da Informação por meio de estudo de periódicos da área na década de 1990**. 2016, 68f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Biblioteconomia) – Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, Universidade Estadual Paulista, 2016.

CARDOSO, Ana Maria Pereira. Pós-modernismo e informação: conceitos complementares? **Perspec. Ci. Inf.**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 63-79, jan./jun. 1996. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/241>>. Acesso em: 15 set. 2016.

FREITAS, Lídia Silva de. A Análise do discurso e o campo informacional: usos atuais e alcance epistemológico: uma atualização. **InCid: R. Ci. Inf. e Doc.**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 1, p. 32-55, 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/42304>>. Acesso em: 31 ago. 2015.

GREGOLIN, Maria do Rosário. A análise do discurso: conceitos e aplicações. **Alfa**, São Paulo, 39: 13-21, 1995. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3967>>. Acesso em: 21 out. 2015.

LIMA, Larissa de Mello. **O percurso discursivo da Ciência da Informação no Brasil: uma análise discursiva a partir dos periódicos *Ciência da Informação e Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG***. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Biblioteconomia) – Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, Universidade Estadual Paulista, 2014.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: UNICAMP, 1997.

MEADOWS, A. J. A comunicação científica. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

ORLANDI, E. L. P. **Discurso e leitura**. 5. ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2000.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2007.

_____. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 2008.

PÊCHEUX, M; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualizações e perspectivas. 1975. In: **Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux** / organizadores 3.ed. Francaise Gadet; Tony Hak; tradutores Eni Pulcinelli Orlandi... [et al.] — 3. ed. — Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro; BRASCHER, Marisa; BURNIER, Sonia. Ciência da Informação: 32 anos (1972-2004) no caminho da história e horizontes de um periódico científico brasileiro. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 34, n. 3, p.23-75, set./dez. 2005. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1084>>. Acesso em: 03 fev. 2016.

PINHEIRO, L.V.R. Ciência da Informação entre sombra e luz: domínio epistemológico e campo interdisciplinar. 1997. 278 f. **Tese** (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.